

OFICINA TERAPÊUTICA DE DANÇA: ESTRATÉGIA DE APROXIMAÇÃO, INSERÇÃO E SOLIDARIEDADE EM UM CAPS

ANDRÉA AMARAL DE OLIVEIRA DUARTE¹; IZAMIR DUARTE DE FARIAS ²;
POLIANA FARIAS ALVES ³; CELMIRA LANGE ⁴; ROSANI MUNIZ ⁵;
EDA SHWARTZ ⁶.

¹Universidade Federal de Pelotas – andreaduarte.enf@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – izamironline@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – polibrina@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – celmira_lange@terra.com.br

⁵Universidade Federal de Pelotas - romaniz@terra.com.br

⁶Universidade Federal de Pelotas - eschwartz@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

A portaria 189 de 1981 regulamenta as oficinas terapêuticas como atividades em grupo, realizadas em serviços substitutivos antimanicomial, dentre estes, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). A função desta proposta é a expressão de sentimentos, desenvolvimento de habilidades corporais, realização de atividades produtivas e inserção social (BRASIL, 1991; 2001 p. 20).

As oficinas são propostas de acordo com o projeto terapêutico singular formulado pela equipe e pelo usuário, e este decide se lhe interessa ou não participar.

Há diversas modalidades de oficinas terapêuticas: expressivas, geradoras de renda, de alfabetização, entre outras. As oficinas expressivas são aquelas em que os usuários trabalham com a expressão plástica, como a pintura, por exemplo; a expressão corporal, como a dança; a expressão verbal, com poesias, contos etc.; a expressão musical; a fotografia, e o teatro, motivando a autonomia e a reinserção social do sujeito, estimulando aqueles que possuem intenso sofrimento psíquico se relacionarem com o mundo.

As oficinas são espaços antimanicomial com a proposta de colocar em movimento corpos e mentes sob efeito medicamentoso, em estado de dormência e sem perspectivas. Dessa forma, com as vivências artísticas, os sujeitos notam que possuem diversas possibilidades imaginativas e criadoras, trazendo à tona expressões livres (FONSECA, 2005).

A partir dos conceitos e entendimentos citados acima, objetivo -se identificar como os usuários interagem entre si e como expressam suas subjetividades em uma oficina de dança. Assim, realizamos a seguinte pergunta: **Como se dão as interações e a expressão de subjetividades entre os usuários de um CAPS em uma oficina de dança?**

2. METODOLOGIA

Trata-se de um relato de uma observação simples e de entrevistas, realizado durante dois dias de atividade em uma oficina de dança em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) da região sul do país. As duas fases da coleta de dados (observação e entrevista) ocorreram no próprio local, durante e após a oficina em julho de 2013. Os dados observados foram registrados em diário de campo, descrevendo todas as atividades ocorridas no período, bem como as manifestações dos usuários participantes da referida oficina. Estavam presentes no primeiro

encontro oito usuários, e a profissional coordenadora da oficina. No segundo encontro, se observou seis usuários e a profissional responsável. As entrevistas foram realizadas com dois usuários do serviço que participaram da oficina.

A técnica de observação é entendida como um modo de coletar dados a partir do olhar do pesquisador diante dos acontecimentos no local da pesquisa (DALBERIO, 2009) e para a análise foi utilizada a análise temática que, segundo MINAYO (2010), consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença dê algum sentido para o objetivo estudado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A observação das atividades desenvolvidas possibilitou que se percebessem diversas manifestações de expressividade dos usuários presentes. Na primeira observação, contou-se com a presença de oito usuários, dos quais, sete se envolveram plenamente nas atividades propostas, pois um dos sujeitos, diversas vezes entrava na sala de oficina, permanecia por um tempo como observador das atividades e saía, fato este que ocorreu múltiplas vezes durante o a realização da oficina. Com isso, pode-se observar a flexibilidade desta oficina terapêutica de dança, acolhendo o sujeito com suas singularidades, mesmo diante da sua dificuldade de concentração ou falta de motivação ou predisposição para interagir na proposta como os demais.

As atividades laborais, lúdicas e artísticas associadas ao convívio interpessoal saudável, podem proporcionar a sensação de bem estar e acelerar o processo de reabilitação psicossocial do usuário (FARIAS *et al* 2013).

Após uma breve e informal apresentação da proposta de atividade, a professora convida os usuários presentes a levantarem e começarem o ensaio. Durante a primeira música, chegou uma usuária que não faz parte dessa oficina, mas acompanhou os passos que o grupo ensaiava. Mostrava estar um pouco agitada e em conflito com outra colega que permaneceu fora da sala. Começou dançando isoladamente, mas com o andar da oficina e das músicas, entrou no grupo e se aproximou dos demais participantes, se mostrando mais tranquila. Por este fato, pode-se presumir que esta oficina possibilitou a canalização daquele sentimento, que a princípio era de agitação e agressividade, transformando-se em estímulo para a dança, o movimento e a expressão corporal (PÁDUA; MORAIS, 2010).

Pode-se observar que alguns usuários demonstram maior dificuldade de coordenação motora que outros. Porém, envolvem-se de tal forma com a proposta e se expressam livremente por meio dos seus movimentos, mostrando-se desligar do mundo exterior, não se importando com estereótipos e preconceitos, inclusive sem demonstrarem incômodo pela presença dos observadores.

Os sujeitos, ao som das músicas representando as décadas de 60, 70 e 80 foram estimulados, pelos seus ritmos (rock) e sua intensidade, o que viabilizou que os presentes na sala se envolvessem no ambiente sonoro e se manifestassem por meio de estímulos motores ordenados pelas coreografias propostas pela professora. Percebeu-se que, quando tocaram músicas brasileiras, seus movimentos foram mais expressivos. Com isso, sugere-se que conhecer a letra também se constitui em um estímulo que vai além da melodia e da harmonia propostos pela música.

A partir das entrevistas, foram elaboradas algumas categorias de análise, estando elas apresentadas a seguir:

Categoria 1- Oficina de dança como estratégia para melhora de humor

As oficinas são importantes formas de promoção de autonomia e de reinserção social do sujeito e de acordo com VALLADARES *et al.* (2003), as atividades nas oficinas expressivas valorizam as vivências criativas, expressivas e imaginativas.

Em relação à comunicação, PÁDOA E MORAES (2010) ressaltam que a comunicação não precisa ser necessariamente através da linguagem verbal.

Com certeza eu sinto diferença! No último dia mesmo que eu vim à dança, tava meio desanimada, aí quando eu vi já me senti mais empolgada, já fui mais empolgada pra casa, mais animada, mais alegre [...]. (E1).

Antes da oficina a gente chega um pouco desanimada, e durante a oficina, vai animando? [...] por causa da minha idade eu canso mais rápido do que as outras meninas! (risos) [...]! A gente fica mais animada, sai daqui bem. (E2).

As oficinas, diferentemente do que ocorria nos manicômios, não são práticas impostas àqueles que possuem transtornos mentais, pois nos serviços substitutivos são os usuários que decidem se as oficinas lhe interessam ou não.

Categoria 2 - A oficina de dança como provedor de aproximação, interação e solidariedade.

As atividades realizadas nas oficinas expressivas são intermediárias na construção de vínculos entre participante-oficineiro e participante-participante. (PÁDOA; MORAES, 2010).

De acordo com a fala abaixo podemos confirmar como que as oficinas de expressão, no caso a de dança, realmente propicia maior formação de vínculos nos territórios e ambientes aos quais permeiam esses usuários, facilitando assim uma maior reinserção dos mesmos na comunidade em que vivem.

Ah, com certeza ajuda! Porque a gente começa a fazer novas amizades. Às vezes a gente tem que interagir fazer algum passinho, alguma coisa, fazer junto com o colega e isso nos ajuda. [...] ajuda também a gente a ter mais humildade! [...]. É bom esse relacionamento interpessoal, esse relacionamento humano com o outro [...] (E1).

É muito bom. A gente faz amizade com todos, todos! [...] é ótimo! Ah, a gente sempre conversa um pouco durante a aula! (risos) a gente faz os exercícios,! Eu acho que é muito bom pra saúde, tanto pro corpo quanto pra mente, e a dança faz muito bem (E2).

As oficinas preveem o desenvolvimento de habilidades corporais, a realização de atividades produtivas e o exercício coletivo da cidadania (BRASIL, 2004, p. 20). Através da potência criadora, a arte possibilita novas produções de subjetividade (PÁDOA; MORAES, 2010)

Categoria 3- Expressão e compreensão da vida cotidiana nas oficinas de dança

A fala abaixo apresenta aspectos singulares da vida dos usuários refletem na oficina de dança e como que as expressões e ações artísticas podem contribuir pra maior compreensão e expressão da subjetividade de cada usuário.

Também a dificuldade nos passinhos a gente vê a dificuldade na vida muitas vezes. Assim como a gente precisa de uma ajuda no passinho que a gente faz errado, a gente vê que a gente tem as nossas limitações também, a gente vê que nem

tudo é perfeito. Cada um tem o seu limite. A gente tem que respeitar o nosso limite e o limite dos outros também (E2).

4. CONCLUSÕES

Após as observações das oficinas de dança no CAPS, pode-se trazer como conclusão, que a oficina de expressão corporal por meio da dança proporciona ao usuário a oportunidade de interação com outras pessoas, uma vez que o trabalho é desenvolvido em grupo. Observou-se a cooperação entre os participantes para que o coletivo pudesse se sobressair ao individual, ou seja, há uma preocupação entre os usuários que assimilam a proposta com que todos os integrantes possam também compreender e se beneficiarem do espaço.

A música por sua vez, viabiliza a expressão e os movimentos livres e espontâneos do corpo, bem como um envolvimento emocional dos usuários que manifestam profundo envolvimento com a proposta e o desligamento dos problemas externos ao ambiente da oficina.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Assistência à Saúde (1991). **Portaria nº 189 de 19 de novembro de 1991**. Recuperado em agosto, 2013, de www.inverso.org.br/index.php/content/view/6887.html

BRASIL. Ministério da Saúde. (2001). **Lei nº 10.216, de 6 de abril de 2001**. Recuperado em agosto de 2013, de www.planalto.gov.br/CCIVIL/LEIS/LEIS_2001/L10216.htm.

DALBERIO, M.C.B.; DALBERIO, O. **Metodologia Científica Desafios e Caminhos**. 2ed. São Paulo: Paulus, 2009, 264p.

FONSECA, T.M.G. (2005, janeiro/junho). **Imagens que não agüentam mais**. *Episteme*, 20, 101-110. Recuperado em agosto de 2013, de http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20_artigo_fonseca.pdf

FARIAS, I.D.; THOFEHRN, M.B.; GOUVÊIA, M.N.; NOGUEIRA, V.O.; AMESTOY, S.C.; ARRIEIRA, I.C.O. As oficinas terapêuticas e o convívio social do usuário de CAPS. In: **SALUD MENTAL: Interdisciplina e inclusión social como ejes de intervención**. v. 2. Buenos Aires, Argentina. 483-1038; 2013

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 407p.

PÁDUA, F.H.P.; MORAIS, M.L.S. Oficinas expressivas: uma inclusão de singularidades. **Revista de Psicologia USP**, São Paulo, v.21, n.2, p.457-478, abr/jun. 2010.

VALLADARES, A.C.A., LAPPANN-BOTTI, N.C, MELLO, R, KANTORSKI, L.P., SCATENA, M.C.M. (2003). Reabilitação psicossocial através das oficinas terapêuticas e/ou cooperativas sociais. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 5(1), 4-9. Recuperado em agosto de 2013, de www.fen.ufg.br/Revista

